

Simplicidade que encantou a primeira vista

>> Rosi Oliveira
Especial DS

Uma moça sem vaidades, essa era Nadir Ferreira de Carvalho, que nasceu no dia 26 de janeiro de 1942, em São Paulo, em uma família bastante humilde de lavradores, onde juntamente com mais seis irmãos ajudava os pais na lida da lavoura, que desde muito cedo teve que aprender a executar, e lidava com café, algodão e amendoim, onde conheceu o rapaz que viria a ser mais tarde seu esposo.

O rapaz era solteiro e viajava para todos os lados em busca de emprego, foi então para São Paulo, onde conheceu Nadir. Foi amor a primeira vista. “Meu pai era peão, solteiro e andava por toda aquela região de São Paulo e Minas em busca de emprego e acabou indo trabalhar com meu avô”, conta Juarez Laurentino, um dos filhos do casal.

Mas o sentimento de ambos não foi nada confortável para o pai de Nadir, que de imediato deixou claro seu descontentamento com

o namoro.

Após várias tentativas de que o namoro fosse aceito pela família, o casal toma uma decisão radical e resolve fugir, o que na época era algo desonroso e bastante vergonhoso, mas o amor de Nadir por José falou mais alto. Sendo assim, arrumou suas coisas e em uma noite qualquer fugiu com seu grande amor. “Minha mãe fugiu para o Paraná com meu pai, ficou por quatro anos sem filhos e depois somente foi que chegou o primeiro herdeiro”



Nunca foi de sair era muito caseira

SÁBIA

Em busca de dias melhores Ajudadora por natureza com esperteza além da conta

>> Rosi Oliveira
Especial DS

“Quando chegamos aqui minha mãe tinha apenas 28 anos, tinha nessa época cinco filhos, e quando chegou aqui teve mais dois, mas achou que não tava bom adotou mais um, e cuidou de nós todos pequeninhos”, lembra.

Ainda relatando que mesmo na lida com todos pequenos ainda ajudava os filhos em suas obrigações. “Meu pai saía para trabalhar e eu e meu irmão tinha

que fazer o serviço de casa, roçar, carpir, e a mãe ficava com dó de nós e ia ajudar”.

Segundo o filho, Nadir era muito alegre e se divertia cantando o dia todo, com o rádio ligado. Nunca foi de sair era muito caseira, onde acolhia a todos sem distinção. “Era muito prestativa e acompanha a gente bem de perto, era difícil de enganar ela. A gente saía para jogar e ela ficava em casa ouvindo pelo rádio, e as vezes a gente queria mentir para ela, mas

não dava, ela já sabia do resultado do jogo”.

Nadir viveu muito unida a família por um prazo muito curto, até os 56 anos, quando levando o pai (avô de Juarez), que havia falecido para Guaraçaí, São Paulo, o carro em que Nadir, uma neta, um filho, o motorista mais o dono da funerária acabou por se envolver em um grave acidente em 1988, na divisa de Mato Grosso com Mato Grosso do Sul, no Posto Corrente, onde somente o filho sobreviveu.



Nadir arrumou tudo e puseram-se em viagem

>> Rosi Oliveira
Especial DS

O casal ficou por alguns anos no Paraná, mas sonhava com futuro melhor para si e para os filhos que já haviam nascido.

Sendo assim, certa feita, por intermédio de um patrão com quem trabalhava, José, esposo de Nadir ouviu falar em Tangará da Serra, o que lhe despertou imediato desejo de conhecer, e lhe trouxe a esperança de dias melhores.

O esposo chegou em casa e comunicou a esposa que arrumasse tudo, pois a família se mudaria para Mato Grosso, lugar onde nun-

ca tinham vindo, e nem mesmo para que rumo ficava sabiam.

“Admiro minha mãe, pois meu pai somente chegou e comunicou que viríamos embora. Ela em nenhum momento questionou, diferente dos dias de hoje, que se o marido disser vamos, é arriscado a mulher dizer, vai você”, graceja Juarez.

E assim aconteceu, Nadir arrumou tudo e puseram-se em viagem, em cima de um caminhão. Viagem essa, cheia de aventuras e perigos, a começar por um acidente sofrido pelo motorista do caminhão que se viu impossibilitado de dirigir. “De manhã o motorista foi olhar a água do

caminhão e abriu o capô do carro, e o patrão que vinha nos acompanhando, trazendo a gente não conseguia fazer a Toyota dele pegar, foi dar um tranco e a Toyota veio e prensou o motorista no caminhão, quebrando sua perna. A sorte foi que vinha um moleque, filho dele de 12 anos junto e sabia dirigir e veio trazendo nós e de vez em quando o motorista dirigia um pouquinho, mesmo com a perna quebrada”, conta.

Como em todas as memórias contadas aqui, mais uma vez o que chama a atenção é novamente a famosa serra Tapirapuã.

“Para subir a serra foi difícil, pois tinham tocado fogo lá e não se via quase nada, então imagina o medo que todo mundo ficou, fora que o espaço era muito estreito para desviar mesmo vendo, imagina sem ver. Foi terrível! Foi problema!, narra o filho, demonstrando que realmente retornava ao tempo com a lembrança do fato. “Em 25 de agosto de 1970 chegamos aqui em Tangará da Serra, viemos em um caminhão Chevrolet com três mudanças dentro, porco, galinha e nós todos misturados”, sorri o filho.

Homenagem



>> Rosi Oliveira
Especial DS

Nadir de Carvalho também foi homenageada pelo poder público municipal que nomeou

uma das ruas de Tangará da Serra com seu nome, para que a população tenha bastante viva na memória a trajetória de uma pessoa que deixou frutos valerosos no município,

que são seus filhos que lembram dela com imensa saudade. A rua está na Vila Alta ao lado da Praça Virgílio Favetti, onde fica a academia para melhor idade.

